



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Educação física e suas possibilidades no ensino remoto: relato de uma escola privada

Physical education and its possibilities in remote education: a report from a private school

Patrícia da Rosa Louzada da Silva, Patrícia Silva Yuk Schild, João Gilberto Mattos Giusti,
Eraldo dos Santos Pinheiro

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 17 junho 2021

Revisado: 08 novembro 2021

Aprovado: 11 novembro 2021

PALAVRAS-CHAVE:

Escola; Criança;
Prática Pedagógica.

KEYWORDS:

School; Child;
Pedagogical Practice.

RESUMO

INTRODUÇÃO: Os desafios educacionais acompanham a trajetória docente, sempre há o que planejar, rever e qualificar para que as expectativas de ensino e aprendizado sejam alcançadas, no entanto o ano letivo de 2020 trouxe inéditos desafios com o ensino remoto.

OBJETIVO: Descrever a experiência vivenciada, por meio da plataforma virtual, pelo componente curricular da Educação Física, em uma escola privada de Pelotas.

MÉTODOS: O relato de experiência de natureza qualitativa foi desenvolvido a partir das experiências pedagógicas de duas professoras de Educação Física, regentes das turmas de primeiro, quarto e quinto ano do ensino fundamental I, em uma escola privada, que atende cerca de 1000 alunos/as desde a educação infantil até o ensino médio. Os instrumentos condutores desse relato foram os seguintes documentos: planejamento semanal/mensal, plano anual das professoras e diário de campo.

RESULTADOS: Necessidade de readequação do planejamento, dos conteúdos, das avaliações, a partir do uso dos recursos da plataforma virtual e um sentimento de incertezas e de angústias frente ao novo fazer pedagógico.

CONCLUSÃO: A partir das experiências descritas, o ensino do competente curricular da Educação Física superou os desafios no ambiente remoto e conseguiu se consolidar ao longo do ano letivo de 2020, mantendo seu comprometimento com as diferentes dimensões dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

ABSTRACT

BACKGROUND: Educational challenges accompany the teaching trajectory, there is always something to plan, review and qualify so that teaching and learning expectations are achieved, however the academic year 2020 brought unprecedented challenges with remote teaching.

OBJECTIVE: To describe the experience lived, through the virtual platform, by the Physical Education curriculum component, in a private school in Pelotas-RS.

METHODS: The qualitative experience report was developed based on the pedagogical experiences of two Physical Education teachers, conductors of the first, fourth and fifth years of elementary school, in a private school, which serves about 1000 students / from early childhood education to high school. The guiding instruments of this report were the following documents: weekly / monthly planning, the teachers' annual plan and field diary.

RESULTS: Need for readjustment of planning, content, assessments, from the use of the resources of the virtual platform and a feeling of uncertainty and anguish facing the new pedagogical practice.

CONCLUSION: Based on the experiences described, the teaching of the competent Physical Education curriculum overcame the challenges in the remote environment and managed to consolidate itself throughout the academic year 2020, maintaining its commitment to the different dimensions of conceptual, procedural and attitudinal contents.

INTRODUÇÃO

Os desafios educacionais acompanham a trajetória docente, sempre há o que planejar, rever e qualificar para que as expectativas de ensino e aprendizado sejam alcançadas. Em especial na Educação Física, os desafios perpassam a superação de conflitos específicos da área, tais como: características das turmas, espaços para as aulas, materiais disponíveis, conteúdo a ser ministrado no decorrer do semestre, em uma tentativa para que o planejamento e o desenvolvimento pedagógico mantivessem as expectativas de ensino conceituais, procedimentais e atitudinais previstas e que possam ser contempladas no decorrer do processo de ensino e aprendizado, levando em consideração a cultura corporal em sua diversidade (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007).

O ano de 2020 foi assolado por uma pandemia sem precedentes com a propagação do vírus Covid-19¹. As primeiras ações para o controle da pandemia foram o isolamento social, motivo que levou vários setores da sociedade a suspenderem suas atividades presenciais, não sendo diferente nas instituições de ensino superior e nas de educação básica (MACHADO et al., 2020). O clima de incertezas e medo passou a fazer parte da vida das pessoas, agravado pelo fato de que “no Brasil, há não apenas uma crise na saúde, mas também uma crise política, que agrava o quadro epidemiológico por conta dos equívocos no tratamento dispensado a essa pandemia pelo Governo Federal” (MACHADO et al., 2020, p. 2).

Para além de reinventar-se enquanto professoras, o cenário inédito e desesperador retrata de um ângulo explícito as desigualdades sociais brasileiras, afinal o fato de estar com as escolas fechadas, ação necessária para frear a propagação do vírus, limita a educação para quem não está apto a acessá-la, cria-se barreiras intransponíveis aos alunos e alunas que não têm condições sociais favoráveis. As tecnologias são excelentes recursos de aproximação entre as pessoas, porém o agravante é que em um país de tamanha desigualdade como o Brasil, a tecnologia ainda é um privilégio de uma camada restrita da população brasileira (LEAL, 2021). De acordo com os estudos realizados por Krawczyk (2011, p. 757), “o acesso, a utilização e a distribuição da informação e do conhecimento para o uso da tecnologia são colocados como as novas e mais importantes dimensões da estruturação do poder, bem como da desigualdade”. Diante, das desigualdades tecnológicas de nosso país, torna-se necessário um olhar crítico e cauteloso a qualquer discurso que propague o ensino remoto como possibilidade para a educação brasileira, sem antes promover a igualdade de acesso à população.

Devido ao “distanciamento social imposto pela pandemia, as atividades de toda a rede de ensino foram suspensas, pressionando a rede privada a buscar alternativas para atender a demanda dos pais e estudantes” (ALVES, 2020, p. 353). Na cidade de Pelotas, na região sul do Brasil, a qual é foco desse relato, as aulas foram interrompidas em 16 de março de 2020 e o retorno às atividades de forma remota foi 20 dias depois, por meio da plataforma Zoom.

As experiências de ensino e aprendizagem do componente curricular de Educação Física motivaram a escrita desse relato, que se justifica pela oportunidade de dialogar sobre as dificul-

dades enfrentadas e as possibilidades de enfrentamento aos desafios no ensino remoto, por meio de estratégias de ensino que priorizassem o aprendizado a partir das trocas com os alunos e as alunas, respeitando o momento de crise que estavam vivenciando e buscando práticas qualificadas, mesmo diante desse contexto inédito. O presente relato de experiência tem como objetivo descrever a experiência vivenciada, por meio da plataforma virtual, pelo componente curricular da Educação Física, em uma escola privada de Pelotas (RS).

MÉTODOS

O relato de experiência de natureza qualitativa foi desenvolvido a partir das experiências pedagógicas vivenciadas por duas professoras de Educação Física, com idades de 32 e 34 anos, formadas há dez anos em Educação Física, uma especialista e outra mestra na área. As professoras atuaram com a regência das turmas de primeiro, quarto e quinto ano do ensino fundamental I, em uma escola privada de Pelotas. A escola está localizada em um bairro nobre da cidade e atende cerca de 1.000 estudantes desde a educação infantil até o ensino médio. Os instrumentos condutores desse relato foram os seguintes documentos: planejamento semanal/mensal, plano anual e diário de campo.

A análise para presente descrição foi desenvolvida com base nas aulas do componente curricular da Educação Física a partir dos registros trimestrais do ano letivo de 2020, com foco nas turmas de primeiro, quarto e quinto ano do ensino fundamental. Destacamos que apenas duas semanas letivas foram de aulas presenciais, todas as demais ocorreram de forma remota, através da plataforma virtual Zoom. A escola a comprou a licença de uso da plataforma e forneceu uma semana de formação continuada à equipe escolar, para aprendizado de sua utilização. As aulas ocorriam por turma de 25 estudantes, duas vezes por semana com tempo de 45 minutos cada. As professoras em suas respectivas turmas, atuavam com a presença de uma pessoa auxiliar contratada pela escola que monitorava os recursos da plataforma virtual.

Os mecanismos na plataforma utilizada possibilitavam comunicação por meio de vídeo, áudio e texto escrito no bate-papo (*chat*). Além disso, outros recursos da plataforma foram utilizados, na intenção de ampliar a interação entre professoras e escolares, tais como as figuras de reações, ideogramas e sinalizadores de sim ou não. Para indicar a necessidade de realizar uma pergunta, existe a denominada “mãozinha virtual”, que foi um excelente comando para organizar as dinâmicas em aula. Para a maior compreensão das propostas pedagógicas, recursos didáticos, como compartilhamento de slides, músicas e vídeos, também foram muito utilizados. Por fim, o manuseio da caneta virtual, um comando liberado pelas professoras, que autorizava a possibilidade de desenhar na tela, sendo também usado para sinalizarem as respostas nos jogos virtuais.

Importante destacar que ocorreriam reuniões pedagógicas uma vez por semana para planejar, inclusive o processo de avaliação, que também foi um desafio causado pelo novo formato das aulas. As turmas de primeiro ano foram avaliadas com parecer descritivo único, sem especificar os componentes curriculares, as professoras de Educação Física foram consultadas e ajudaram na elaboração do mesmo. As turmas de quarto e quinto ano foram avaliadas seguindo dois indicativos: participação nas

¹ A Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros graves. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acessado em: 11 de março de 2021.

propostas de aula procedimental e atitudinal com critérios de Excelente (E) – Entre 91-100% do tempo em que estiveram em atividade, interagindo, respeitando as solicitações e os acordos realizados no processo de ensino e aprendizado dos conteúdos, com câmeras ligadas, justificando dias e horários de instabilidade da internet; Muito Bom (MB) – Entre 81-90% do tempo, Bom (B) – Entre 70-80% do tempo e Pouca Participação (PP) – Inferior a 70% do tempo. A dimensão conceitual foi realizada a partir da aplicação de Google Formulário, com questões de múltipla escolha sobre o conteúdo estudado. As avaliações eram trimestrais, com peso total anual de 100 pontos. Quem não atingia a média de pontuação realizava uma avaliação de recuperação antes do término do trimestre.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ensino remoto, o que fazer nas aulas de Educação Física? A necessidade foi lançada, e a equipe pedagógica despreparada. Mesmo que a escola tenha imediatamente proposto uma formação continuada para o aprendizado de manuseio da plataforma virtual, não tínhamos referências sobre aulas de Educação Física online, não dominávamos meios de ministrar aulas nas plataformas virtuais, portanto, foi tudo muito novo e desafiador. Os resultados a seguir são relatos das experiências do trabalho de duas professoras de Educação Física do ensino fundamental, foram atendidas 225 crianças, 25 por turma, nos segmentos de primeiro, quarto e quinto ano. Foram consideradas para esse relato as três turmas de primeiro ano, faixa etária de seis anos de idade. As três turmas de quarto ano, nove anos de idade e as três turmas de quinto ano média de dez anos de idade.

Com relação ao planejamento, utilizamos como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e direcionamos a organização dos conteúdos, conforme as especificidades e necessidades de nosso contexto. Os planos foram organizados levando em consideração os objetos de conhecimento na BNCC e as unidades temáticas: brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas e danças de primeiro ao quinto ano e as lutas nos seguimentos de terceiro ao quinto ano (BRASIL, 2018). Como a distribuição na BNCC é feita em parâmetros, procuramos atendê-los quando possível, mas modificamos e adequamos sempre que necessário, atentas as nossas reflexões e concepções de contexto, sem nos eximir de nosso direito crítico e decisório sobre o que ensinar, como ensinar e avaliar, pois, compactuamos com o exposto por Neira e Souza Júnior (2016, p. 202) quando sinalizam que:

O Estado não pode se eximir da responsabilidade de sinalizar aqui-lo que todas as crianças, jovens e adultos, independentemente do lugar onde vivem e do setor da sociedade a que pertencem têm o direito de acessar. As secretarias de educação e as escolas podem olhar para esse documento e planejar as suas propostas. A BNCC não diz qual brincadeira, dança, luta, esporte, ginástica ou prática corporal de aventura devem ser tematizados, nem tampouco como fazê-lo ou avaliá-lo. Isso cabe à escola decidir. As escolas têm que olhar para essa proposta como o início de uma discussão mais ampla.

Com a necessidade de ensinar remotamente, mantivemos o planejamento e a proposta de ensino com base nas unidades temáticas, porém revimos as estratégias de ensino e aprendizado, especificamente nos atentando as primeiras aulas e as reações dos escolares frente às propostas. De imediato, percebemos a baixa concentração e a dificuldade enfrentada pelas turmas de primeiro ano, os estudantes demonstraram indisposição à for-

ma remota. Por serem mais pequenos, sentiram a mudança de rotina de não irem para a escola. Sem entender muito bem a gravidade da situação e das restrições da pandemia, demonstravam a pressão psicológica e a desmotivação por não estarem brincando e aprendendo no espaço físico escolar.

Para reverter o quadro de dificuldade enfrentado nas aulas dos primeiros anos, foram necessárias muitas conversas entre a coordenação da área da Educação Física e as professoras. Aos poucos, fomos percebendo que a chave para aquela situação era a observação, detectar os sinais de dificuldade e ir buscando soluções a partir do que se mostrava na própria aula. Somado a isso, resolver a questão dos áudios ruins, do ideal posicionamento frente à câmera, de acalmar as famílias que torciam para tudo dar certo, mas estavam sem paciência para o momento diferente.

Somente após algumas aulas foi possível perceber o porquê de as crianças desligarem a câmera ou saírem da sala em algumas atividades, tudo foi sendo construído conforme os acordos eram alinhados e reforçados. Regras simples, como organização para ligar o áudio, tempo para descansar entre uma brincadeira e outra, de modo que pudessem aproveitar ao máximo as atividades, sem precisar abandonar a sala de aula ou desligar a câmera ao cansar. A professora passou a anotar as atividades que despertava mais desinteresse e ou cansaço e as propostas que resultavam em movimentações e interações positivas.

As estratégias eram planejadas de acordo com a unidade temática trabalhada. Porém chegar a um modelo equilibrado de aula demandou tempo e sensibilidade para perceber que além das práticas, era necessário espaço para comunicação, já que o isolamento social limitava as trocas e a comunicação entre os pares. Com isso, a aula ocorria com ações ativas dentro da proposta, pausa de descanso assistindo a um estímulo visual que às vezes era um vídeo, noutra uma imagem para que identificassem o conteúdo da aula, seguido de tempo da conversa, onde poderiam abrir os áudios e calmamente se expressar.

Os recursos materiais também causaram incertezas na hora de planejar as aulas. Solicitar objetos para as famílias, ainda que fossem coisas simples e adaptadas como baldes e vassouras, causava algumas reclamações, então limitamos ao máximo as solicitações de materiais a serem utilizados.

De modo geral, o ambiente online nos mostrou ser possível viajar através da imaginação. Na hora de brincar, meninos e meninas eram instigados a se transformarem em personagens de desenhos com poderes para saltar, rolar e chutar. Assim como imitar os animais em seus deslocamentos, adentrarem mares e rios fictícios e lá darem muitas braçadas em um nado particular da fantasia. Ao brincar com os símbolos e empregar sentidos aos movimentos, de acordo com suas experiências, as crianças passavam a visitar suas memórias e se reconectarem com os estímulos cognitivos, físicos e afetivos (FREIRE, 2009).

O corpo é a origem das aquisições cognitivas, portanto, o mecanismo operatório do pensamento surge, primeiramente, na tomada de consciência de representação do meio exterior; segundo, na tomada de consciência do esquema corporal e, terceiro, na representação do espaço (FERREIRA, 2006, p. 22).

As aulas na plataforma virtual com as turmas de primeiro ano foram mediadas pelo entendimento da capacidade de usar símbolos ou representações mentais, ainda, fortemente

presentes em seus comportamentos e, com ajuda das professoras, irem transferindo para uma realidade concreta, afinal, se “se quer educar uma criança, por que não aproveitar os recursos mais ricos que já possui? Por que não aproveitar seu próprio conhecimento?” (FREIRE, 2009, p. 67).

Administrar o ambiente na plataforma online para o quarto e o quinto ano foi desafiador, mas mais fácil em comparação ao ambiente do primeiro ano. Pensamos que a familiaridade com as tecnologias e a autonomia linguística tenha sido um facilitador para esse segmento. Cabe destacar que se trata de um contexto privilegiado, pois são crianças que crescem em meio à tecnologia, certamente essa intimidade com os recursos favoreceu para que chegassem ao ambiente das aulas remotas com a segurança que demonstraram.

Logo na primeira aula de Educação Física, alguns acordos e explicações foram realizados para combinar que os vídeos, slides e jogos online seriam estratégias de ensino para o aprender sobre a dimensão conceitual, e que as ativações corporais seriam as estratégias procedimentais, para aprender como fazer, sendo necessário que levantassem para as práticas. Por fim, também foram realizados acordos quanto à manutenção da câmera ligada, à interação escrita no chat, à ativação de áudios ordenadamente, através do uso da “mãozinha virtual” para indicar o desejo de falar. O cumprimento dos acordos foi essencial para a realização das aulas e correspondeu à dimensão atitudinal de ensino e aprendizado, ou seja, o saber ser e conviver (DARIDO, 2011). Cabe destacar que nas primeiras aulas ocorreu o descumprimento de alguns acordos, a professora explicou que a ação de mutá-los, fechando os áudios, era prática, mas era uma ação punitiva, que retirava o direito de estarem livres para dialogar e se posicionarem frente às discussões em aula. Com o passar das aulas, os escolares foram compreendendo esses acordos como indispensáveis para o bom andamento da aula e o bom relacionamento da turma. Não tardou até que os acordos passaram a fazer parte da rotina, não sendo necessário colocá-los no mudo e apenas conduzir os momentos de diálogo.

O segmento de primeiro necessitava do apoio da família para providenciar a maioria dos recursos materiais, mesmo que adaptados, enviamos a solicitação com antecedência. Diferente do quarto e quinto ano em que os materiais eram separados e trazidos pelas próprias crianças, até mesmo no dia. A unidade temática de dança representa um exemplo de utilização de material adaptado. A dança

É um conteúdo que está presente nos documentos que norteiam a educação básica, desta forma, apesar dos professores não serem especialistas na dança, compreende-se que a escola pode dar parâmetros para sistematização e apropriação crítica, consciente e transformadora dos conteúdos específicos da dança, sendo está um elemento essencial para a educação do ser social (GUIMARÃES; BIANCHINI, 2020, p. 56).

Para a realização dessa unidade temática, pensamos em estratégias que viessem a dialogar sobre o folclore e a sua importância social, explorado as danças típicas que conheciam, por meio de perguntas e respostas pelo chat. Posteriormente, na intenção de trabalhar a dança no contexto regional, perguntamos quem conhecia a chula, dança típica gaúcha, constatamos que nem metade dos escolares atendidos nos três segmentos conheciam. Então, para ampliação cultural, compartilhamos um vídeo sobre a chula em cada uma das turmas de quarto e quinto

ano, com sua contextualização histórica e as principais características. Em seguida, foi solicitado que trouxessem um cabo de vassoura para aula, o objeto simbolizava a lança, isto é, a vara de madeira colocada no chão para que, ao dançar, possam ser realizados saltos sobre e ao redor dela.

A estratégia para atender a expectativa procedimental baseou-se na experiência de criarem uma breve coreografia com deslocamentos, saltos e giros, transpondo a lança (representada pelo cabo de vassoura). Em seu espaço residencial, no tempo estabelecido, cada estudante pôde pensar e criar a sua coreografia, ressignificar a chula com movimentos que fizessem sentido, representando seus gostos. A única exigência era que cuidassem para não pisar na “lança”, evitando quedas. Após o tempo estipulado, ficou evidente o empenho das turmas, mostrando as suas criações.

A proposta foi um sucesso, o esforço para manterem-se chuleando ao longo de toda a música, os movimentos acima e ao redor do cabo de vassoura em seus compassos, cada criança com seu estilo, brincando com os movimentos criados e demonstrando muito orgulho de suas coreografias. O término da atividade foi marcado por muitos aplausos virtuais e reações de afetividade.

Cabe destacar que as práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente remoto pelas professoras têm como base pedagógica os Princípios Pedagógicos do Esporte Educacional, método proposto pelo Instituto Esporte & Educação (IEE), sendo eles: inclusão de todos; respeito à diversidade; educação integral; construção coletiva e rumo à autonomia. Os princípios tem como meta assegurar a democratização do esporte, de forma intencional e planejada. Mesmo em face de uma mudança do ensino presencial para o remoto, as professoras mantiveram suas concepções educacionais nos planejamentos e em suas estratégias, compactuando com Silva et al. (2021, p. 5):

O/A professor/a, ao planejar suas ações com base nesses princípios, estará valorizando os saberes, cultura e conhecimento dos/as alunos/as, os/as incluindo e fazendo com que os/as mesmos/as se sintam participantes e protagonistas nos processos de ensino e de aprendizagem, construindo de maneira significativa seus novos aprendizados, interagindo com os/as colegas.

A unidade temática de dança também motivou uma proposta relacionada às comemorações juninas no Brasil. A proposta envolvia a utilização da música: “[...] Pula a fogueira, iaiá. Pula a fogueira, ioiô. Cuidado para não se queimar. Olha que a fogueira já queimou o meu amor [...]”

A proposta foi que as crianças entrassem no imaginário de uma festa junina típica, porém em seu espaço domiciliar, conectados pela alegria de celebrar a cultura popular. Perguntamos o que poderíamos usar para imitar uma fogueira em casa, alertamos que seria necessário algo que fosse aumentando de tamanho, porque a proposta era desenvolver também a capacidade motora de saltar. Logo as ideias começaram a surgir nas falas nos áudios ou sendo escritas no bate papo, assim definimos que almofadas, travesseiros, ursos de pelúcia seriam excelentes objetos para realizar essa atividade. Tão logo as crianças anunciaram estar com os objetos separados, a brincadeira começou, a música foi compartilhada e as crianças deram muitos saltos sobre os objetos. A regra construída com a turma era a de tentar não derrubar a fogueira imaginária e, quando a música parasse, aumentar um nível de altura. Caso a fogueira fosse derrubada,

deveriam iniciar do nível um, portanto ninguém saia da brincadeira. A atividade foi desafiadora e divertida, rendeu muitos risos, suor e euforia ao conseguirem ultrapassar os níveis mais altos. Na avaliação geral sobre como havia sido a atividade, nos relatos apontaram: “professora, saltei seis almofadas!”; “cansei demais, estou suando professora, como isso cansa”; “meu ursinho de pelúcia não parava, caía sem eu tocar, precisei substituir pelo travesseiro, aí deu certo”.

As próximas estratégias de ensino e aprendizado descritas dizem respeito à unidade temática de lutas.

Destaca-se a importância das lutas como parte da cultura humana, representando um meio eficaz de educação e um conjunto de conteúdos altamente importante para a Educação Física escolar, pois, qualquer que seja a modalidade de luta, exige respeito às regras, à hierarquia e à disciplina, valorizando a preservação da saúde física e mental de seus praticantes (HARNISCH et al., 2018, p. 182).

Durante a condução inicial das aulas, indiferente do segmento, o discurso era o mesmo, esclarecendo e reforçando a luta enquanto esporte e sensibilizando para a compreensão de que as lutas possuem regras bem definidas, o que as difere do ato descontrolado que é o de brigar, portanto, as ações não podem ser confundidas, afinal, quem luta não briga! Neste ano letivo atípico, a intenção de manter a proposta da unidade temática de lutas, teve como principal motivação a possibilidade de explorar o protagonismo das crianças e a aproximação com suas famílias. No período pandêmico, vários responsáveis estavam trabalhando em casa, então, solicitamos que as crianças fizessem o convite, para quem quisesse viesse compartilhar com a turma suas experiências. Para o segmento do primeiro ano, um professor convidado promoveu uma série de brincadeiras que envolvia indiretamente as lutas, com quedas e ações de atenção aos comandos e cumprimento de acordos. As crianças se divertiram muito e puderam contar um pouco das vivências que, em anos anteriores, fazia parte da sua rotina na escola, nas ações extraclasse que envolviam aulas de lutas.

A BNCC não considera as lutas nos segmentos do primeiro ano do ensino fundamental, mas avaliamos como uma prática pertinente de ser desenvolvida, porque a luta é um jogo de oposição que desenvolve muitas habilidades e ampliar o repertório motor e cultural dessas crianças desde os primeiros anos se faz necessário (FRANCHINI; DEL VECCHIO, 2012).

Com os quartos e quintos anos, a professora convidou as crianças que já tinham experiências com determinadas modalidades de lutas, ou tivessem em sua família alguém que lutou ou lutava, para participar das aulas. Para mediar a organização, a professora lançou no chat uma lista, a fim de que preenchessem com nome da pessoa e a modalidade do esporte que gostariam de demonstrar, organizando um cronograma de aula onde as pessoas poderiam contar as suas vivências, apresentar a modalidade, demonstrar e instruir sobre algum movimento básico, por exemplo.

A estrutura da unidade de lutas foi realizada com sete encontros: aula inicial apresentando os benefícios das lutas e sua valorização enquanto cultura corporal, a necessidade de se considerar a prática indiferente de gênero ou aspecto físico. Uma média de oito participantes, por turma, crianças ou familiares que já possuíam alguma experiência e se dispuseram a participar nas modalidades de Judô, Jiu-jitso, Muay Thai e Capoeira. As modalidades de Sumô, Kendo e Kung Fu também despertaram

interesse, assim assistimos vídeos de iniciativas no Brasil e no exterior.

De modo geral, a maneira como as crianças se comprometeram com a tarefa foi muito interessante. Vinham para a aula virtual com os equipamentos, vestiam-se com seus judoguis e abadás, mostravam fotos, medalhas e lembranças das lutas em suas vidas. Na parte prática, explicavam e convidavam para praticar os principais movimentos demonstrados. Em uma das turmas do quinto ano, três colegas praticavam a mesma modalidade e, de forma autônoma, marcaram uma reunião online para combinarem como iriam ministrar a mini oficina de Judô. Vieram cheios de ideias, inclusive sinalizando a utilização dos travesseiros como oponente, pois estavam sem o adversário ou a adversária em casa. Quando não traziam a origem da modalidade, a professora fazia a pergunta para a turma e a pesquisa era realizada em aula, alguém compartilhava as informações, as trocas sempre sob a mediação docente, foram riquíssimas, assim como o respeito entre os colegas e as colegas na hora da exposição. Dentre as ações protagonizadas em aula, uma das alunas compartilhou suas experiências com a modalidade de Jiu-jitso. Um vídeo gravado com seu pai, que é graduado e seu professor na modalidade. O vídeo é uma sequência onde explicam a execução da levantada técnica do Jiu-jitso.

A unidade temática de lutas foi desenvolvida com materiais adaptados. Contudo, avaliamos que a exploração dessa temática colaborou para aumentar o conhecimento das crianças e também sobre as suas possibilidades, ocorreu a promoção da diferenciação entre luta e briga, com espaço para discussão sobre preconceitos, enfatizando o direito de se conhecer e praticar, afinal “o preconceito de gênero, necessita ser discutido na esfera educacional, especificamente, nas aulas de Educação Física” (MARIANO et al., 2021, p. 5).

Segundo Hegele, González e Borges (2018), as lutas fazem parte do patrimônio cultural do povo brasileiro e têm apresentado crescimento no que se refere a sua divulgação nos meios de comunicação. No entanto, quando o assunto é o ambiente escolar, Harnisch et al. (2018, p. 181) advogam que: “as lutas apresentarem grande relevância enquanto conteúdo da Educação Física Escolar”, mas ainda não são conteúdos desenvolvidos pela grande totalidade dos professores e professoras da educação básica.

Acreditamos que as lutas constituem um importante conteúdo da Educação Física escolar e necessitam estar na escola, indiferente se no ambiente presencial ou remoto. Em nossas ações, constatamos que existem estratégias possíveis de serem desenvolvidas no ambiente remoto, que a parceria com as crianças e familiares se fez potencializadora na prática de lutas e vindo a auxiliar em casos como o descrito por Hegele, González e Borges (2018, p. 102), em que “os professores não se consideravam em condições de desenvolver o tema lutas nas aulas de Educação Física escolar”.

O próximo exemplo a ser descrito nas aulas remotas na plataforma virtual. Trata-se da unidade temática de ginástica. A proposta de trabalhar a ginástica foi mais um dos compromissos que assumimos no ensino e aprendizado da Educação Física escolar, mesmo em um ambiente até então inédito em nossa prática pedagógica. Para os primeiros anos, o foco foi uma proposta lúdica, explorando a ginástica não competitiva, brincando por meio dos rolamentos, dos giros e equilíbrios, sempre

seguidos narrativas que os conduziam ao contexto do brincar, em uma descoberta guiada do corpo e de suas possibilidades no mundo gímnico.

Para os segmentos de quarto e quinto explorarmos movimentos por meio da estratégia de apresentar imagens, com algumas variações, sendo possível que optassem por uma ou outra para a sua execução no tempo combinado (Figura 1).

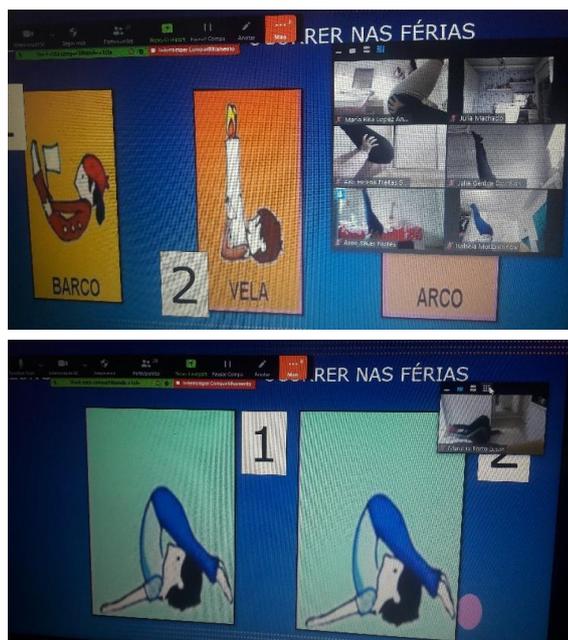


Figura 1. Ativação corporal.
Fonte: Acervo das professoras (2020).

Como a ginástica é um conceito que envolve também as modalidades competitivas, realizamos um trabalho de pesquisa com as turmas dos quartos e quintos anos. O trabalho foi denominado de “descobrimo a ginástica artística para além do solo”. Após a pesquisa sobre a ginástica artística, onde os alunos descobriram quais são os aparelhos usados para a prática e suas principais características, ao longo de três semanas, as turmas foram desvendando cada aparelho, a professora instigava para que contassem seus achados, suas descobertas. As informações foram diversas como: quais aparelhos estão nas competições femininas, masculinas e/ou em ambas, dialogamos que a Ginástica Artística não só é uma modalidade competitiva, como também é uma das três modalidades de ginástica dos Jogos Olímpicos. O momento de exposição, ocorria por inscrições durante a aula, possibilidade na própria plataforma Zoom e, mesmo no espaço online as discussões se tornavam empolgantes.

Uma das preocupações levantadas nas discussões dizia respeito às pessoas transexuais ou transgêneros, porque nas competições Olímpicas, as categorias são masculinas e femininas. As crianças queriam saber sobre a oferta das oportunidades, isto é, como alguém que mudou de gênero poderia ser inscrito nas competições oficiais. A pergunta foi: “professora, mas como fica alguém que nasceu menino, mas não consegue viver como menino e muda, passando a ser uma menina? Como joga nas Olimpíadas ou nos Jogos Pan-Americanos?” A preocupação

partiu de uma aluna e movimentou uma discussão envolvendo a turma toda, onde as crianças demonstraram seriedade e empatia em suas falas, cobrando das comissões organizadoras das competições do esporte de rendimento uma postura receptiva às diversidades.

Ao longo do ano, em nossos encontros de aula tentamos aplicar o que Darido e Souza Júnior (2007) apontam como uma demanda da Educação Física, um ensino que considere as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais do que se ensina, assim promovendo um aprendizado mais significativo, mesmo em ambientes pouco explorados como o virtual.

De forma geral, o trabalho desenvolvido no ambiente virtual trouxe muitos desafios, a necessidade de readequação do planejamento, dos conteúdos, das avaliações, a partir da utilização dos recursos da plataforma como formulário virtual e um sentimento de incertezas e angústia frente ao novo fazer pedagógico. O processo das aulas muitas vezes ficava comprometido, por algum problema de instabilidade de internet ou quando o canal visual se rompia com as câmeras desligadas. O primeiro trimestre foi bem difícil, inclusive para criação, correção e divulgação de notas no formulário virtual, ao longo do ano, nos tornamos mais familiarizados com os procedimentos virtuais.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, buscamos descrever a experiência vivenciada, por meio da plataforma virtual, através do componente curricular da Educação Física, de uma escola privada de Pelotas. Por se tratar de uma escola privada, o processo foi facilitado, pois, em geral, os escolares se encontram em uma condição favorável frente aos recursos tecnológicos e às condições de vida, para conviver com uma situação tão agressiva como a pandemia causada pelo novo Coronavírus, principalmente, em um país desprovido de um governo que trate com seriedade e cuidado a vida de sua população.

Ao descrever nossa prática pedagógica tentamos demonstrar que mesmo diante das dificuldades e das incertezas no ambiente virtual foi possível desenvolver nossas aulas mantendo a aplicabilidade dos princípios pedagógicos do esporte educacional e assim estarmos comprometidas com uma Educação Física que amplie o ensino e o aprendizado para além de movimentos técnicos e garanta uma educação integral, com enlace de conceitos, procedimentos e atitudes.

O ano letivo de 2020 foi um caminho com descobertas e evoluções, não o ideal e sim o possível diante de um cenário inédito e desafiador. Por fim, acreditamos na mediação qualificada dos professores e das professoras e desejamos que a Educação Física escolar assuma sempre seu lugar de responsabilidade com a ampliação da cultura corporal e com aulas que possibilitem a participação ativa de todos e todas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 348-65, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acessado em: 18 de setembro de 2020.
- DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. *Para ensinar educação física:*

possibilidades de intervenção na escola. Campinas: Papirus, 2007.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da educação física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Orgs.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 122-36.

FERREIRA, V. **Educação física, interdisciplinaridade, aprendizagem e inclusão**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F. B. **Ensino de lutas: reflexões e propostas de programas**. São Paulo: Scortecci, 2012.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

GUIMARÃES, J. R.; BIANCHINI, H. M. Dança: um conteúdo desafiador. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 1, p. 55-60, 2020.

HARNISCH, G. S.; WALTER, L. W.; GUILHERME, S. M. O.; SILVA, B. P.; LOTTERMANN, A. L. F.; BORELLA, D. R. As lutas na educação física escolar: um ensaio sobre os desafios para sua inserção. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 179-84, 2018.

HEGELE, B.; GONZÁLEZ, F. J.; BORGES, R. M. Possibilidades do ensino de lutas nas escolas: uma pesquisa-ação com professoras de educação física. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n.

1, p. 99-107, 2018.

KRAWCZYK, K. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 144, p. 752-69, 2011.

LEAL, S. Sociedade informacional no Brasil à provação da pandemia do novo coronavírus. **Controversias y Concurrencias Latinoamericanas**, Brasília, v. 12, n. 22, p. 17-44, 2021.

MACHADO, R. B.; FONSECA, D. G.; MEDEIROS, F. M.; FERNANDES, N. Educação física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, p. 1-15, 2020.

MARIANO, E. R.; SILVA, F. E. L.; SOUZA, S.; RIZZO, D. T. S.; ROSA, V. A. V.; MONTEIRO, L. F. Elas podem se machucar: as lutas no combate ao preconceito de gênero na educação física escolar. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n.3, e4410312946, 2021.

NEIRA, M. G.; SOUZA JÚNIOR, M. A. Educação física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 188-206, 2016.

SILVA, P. R. L.; SANTOS, L. L.; MONTIEL, F. C.; PINHEIRO, E. S. Projeto rede de parceiros multiplicadores de esporte educacional: impacto na prática pedagógica. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 2, e28210212560, 2021.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a participação dos alunos e alunas do ensino fundamental, porque a partir da prática pedagógica foi possível pensar e organizar o presente relato. Também agradecem a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por colaborar constantemente com a formação inicial e continuada das autoras e autores desse estudo.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro de nenhuma instituição proponente, os investimentos de revisão textual e diagramação foram pagos com recursos dos autores.

ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Patrícia da Rosa Louzada da Silva (Autor Correspondente)

ORCID: 0000-0002-0259-299X.

E-mail: patricia_prls@hotmail.com

Patrícia Silva Yuk Schild

ORCID: 0000-0002-4079-4373.

E-mail: patricia.yuk@marioquintana.com.br

João Gilberto Mattos Giusti

ORCID: 0000-0001-7754-0548.

E-mail: betogiusti@gmail.com

Eraldo dos Santos Pinheiro

ORCID: 0000-0002-5749-1512.

E-mail: espooa@gmail.com